

**A TRANSITIVIDADE
À LUZ DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO:
OS VERBOS DE OBJETO AFETADO EM ANÁLISE**

Raquel Frontelmo Gomes da Silva (UFES)
raquelfrontelmo@hotmail.com

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)
lhpeyroton@gmail.com

RESUMO

O nosso objetivo, neste artigo, é apresentar um estudo em desenvolvimento no Núcleo de Pesquisas em Linguagens da UFES. Estamos analisando, descrevendo e explicando o funcionamento dos verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “secar”, “quebrar” e “queimar”, considerados verbos de objeto afetado. Esses verbos se caracterizam por terem os seus objetos modificados (Cf. *Pedro destruiu o muro. / Ana cortou o cabelo. / O assassino desfez o rosto da vítima. / O fogo queimou o canavial*). O corpus foi constituído de manchetes e notícias de jornais que circulam socialmente, coletados via ferramenta de pesquisa *online*. Para procedermos à análise dos dados, adotamos como referenciais teóricos: a gramática de valências proposta por Borba (1996) e os parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980), dentro da perspectiva Funcionalista da linguagem. Esperamos como resultado: (i) uma maior compreensão do fenômeno da transitividade e também do funcionamento dos verbos, objeto desta pesquisa; (ii) contribuir para a melhoria do ensino de língua portuguesa, no que tange ao complexo fenômeno da transitividade nas redes públicas e particulares de ensino.

Palavras-chave:

Transitividade. Verbos de objeto afetado. Argumentos. Valências. Funcionalismo.

1. Introdução

A complexidade que envolve a transitividade tem instigado estudiosos de várias vertentes linguísticas a se debruçarem sobre esse fenômeno, com vistas a compreender melhor o seu funcionamento, sobretudo, no que tange à língua em uso. É na tentativa de tornar mais claras as abordagens consignadas em gramáticas e dicionários da língua portuguesa que o Núcleo de Pesquisas em Linguagens, da UFES, tem empreendido esforços para analisar, descrever e explicar a transitividade de vários grupos de verbos (de posse, de extensão e escala, de sentimentos etc.).

Neste artigo, cabe-nos apresentar o estudo que temos realizado com os verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “secar”, “quebrar” e “queimar”, em ambiência linguística, em que ocorrem com objeto, que

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

passam por mudança de estado, o que Cano Aguilar (1981), citado por Azeredo (2000), cunhou como verbo de objeto afetado.

A partir da proposição de Borba (1996) e de Ignácio (2002), observamos que esses verbos se comportam como ação-processo, uma vez que há um fazer por parte de um agente [+humano] e intencional, codificado sintaticamente como sujeito, e um acontecer por parte do argumento afetado, codificado sintaticamente como objeto.

O *corpus* de análise foi coletado em *sites* de pesquisa *online*, observamos aproximadamente 100 (cem) ocorrências, sendo 20 (vinte) de cada verbo. Analisei e descrevi os dados a partir da gramática de valências preconizada por Borba (1996), que concebe o termo valência nos três níveis, a saber: no primeiro, está a valência quantitativa, que indica o número de argumentos que um verbo seleciona. No segundo, encontra-se a valência qualitativa ou morfossintática, que evidencia a natureza dos elementos, tanto do ponto de vista morfológico quanto do sintático; e, no terceiro nível, figura a valência semântica, que diz respeito às características categoriais, ou seja, às funções temáticas ou papéis temáticos. A valência é, dentro dessa perspectiva, entendida como a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios na organização da oração. Além dos complementos tradicionais (objetos), incluem-se os chamados complementos circunstanciais (de tempo, lugar, etc.) e o próprio sujeito.

Assim um verbo será monovalente (Ex.: O bebê *dormiu*), bivalente (Ex.: A menina *comeu* a maçã), trivalente (Ex.: A mulher *doou* sangue para o acidentado), tetravalente (Ex.: O Presidente da empresa *levou* o documento do escritório para o cofre de sua casa), ou ainda, avalente (Ex.: *Choveu* ontem). Essa valência quantitativa se dá em função da presença dos constituintes, considerados argumentos, no uso da língua. É importante salientar que, no tocante aos verbos tetravalentes, não há consenso entre a sua existência. Isso pode se dar em função de que, não raro, quando o falante afirma: "Eu já levei o livro", por exemplo, não haver necessidade para fins comunicativos, de explicitar nem a origem, nem a destinação do objeto "livro", porque esses elementos podem fazer parte do conhecimento dos indivíduos envolvidos nesse evento linguístico, no momento da interação.

Aplicamos também os dez parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980), dentro da perspectiva funcionalista da linguagem. Hopper e Thompson (1980) estabelecem a transitividade como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focali-

zam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Embora independentes, esses dez traços da transitividade funcionam juntos e articulados na língua. É importante ressaltar que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração. Nessa perspectiva teórica, a transitividade é vista no contínuo, de forma escalar, e gradiente. Fala-se, assim, em grau de transitividade, como mostrarei nos exemplos e discussões posteriores. Esta pesquisa se justifica na medida em que adota como objeto de estudo o fenômeno da transitividade que embora venha sendo discutido por muitos estudiosos ainda ocupa o centro da preocupação de professores e pesquisadores pela complexidade que a envolve.

2. A transitividade na gramática tradicional

As gramáticas tradicionais acolhem o verbo quanto à predicação dentro de dois escopos macros: transitivo e intransitivo. Além disso, apresentam a transitividade como uma propriedade do verbo e seus complementos. Ao subcategorizarem os verbos transitivos em: transitivos diretos, indiretos, diretos e indiretos, e ao conceituarem os verbos intransitivos, por vezes, não deixam claro qual critério utilizam em suas proposições. Said Ali (1964), por exemplo, reúne como intransitivos, tanto os verbos, comumente, rotulados assim pela maioria dos gramáticos que abordam a questão, quanto alguns verbos considerados transitivos indiretos por outros autores; como atesta o exemplo a seguir: *O bom resultado depende do esforço / O ensino compete ao mestre*. Entretanto, ainda que a colocação de Said Ali (1964) esteja respaldada pela concepção latina de transitividade por ele adotada, não atenua o problema que envolve a questão.

Kury (1996) e Rocha Lima (1998), por sua vez, dão aos verbos de movimento “ir” e “morar” um tratamento, que difere totalmente do da NGB (1959) e também da maioria dos gramáticos. Kury considera o verbo “ir” numa oração como: *Ana foi à UFES*, como *verbo transitivo adverbial* (grifo nosso), Rocha Lima o classifica como *transitivo circunstancial* (grifo nosso). Defende este autor que o elemento locativo é tão indispensável à construção do verbo quanto os demais complementos verbais. Tem-se, com isso, uma outra questão que também se mostra dissonante entre as abordagens tradicionais, de modo geral, a noção de complemento e a de adjunto, uma vez que esses elementos de natureza adverbial acolhidos por Kury (1996) e por Rocha Lima (1998) como ten-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

do o mesmo *status* dos complementos (objeto direto e objeto indireto) não são concebidos assim por vários autores seguidores ou não da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). Mas a discussão acerca de complemento e adjunto será um outro estudo a ser desenvolvido no nosso Núcleo de Pesquisas.

O enredamento que envolve a noção de (in) transitividade e a divergência classificatória apontam para a necessidade de se buscar, a partir de um referencial teórico, uma orientação que permita entender e explicar o fenômeno de (in) transitividade. Por isso, buscamos na gramática de valências de Borba (1996) e no funcionalismo linguísticos, principalmente na proposição de Hopper e Thompson (1980), as ferramentas que nos permitem descrever, analisar e explicar o fenômeno da transitividade. Trataremos dessas perspectivas teóricas nos itens subsequentes.

3. *Gramática de valência*

Entende-se por valência o conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis. Sendo assim, tem-se por gramática de valência a relação de dependências, que se baseia na relação estabelecida entre categorias de níveis diferentes, entre elementos básicos (= palavras) ou categorias básicas correspondentes aos elementos básicos que (co)ocorrem num contexto. (BORBA, 1996)

O primeiro entendimento de itens lexicais interdependentes foi designado por “gramática de dependências” em um modelo teórico de análise fundado por Tesnière (1959), na obra *Éléments de Syntaxique Structurale*, foi ele quem introduziu o termo “valência” na teoria linguística. Borba (1996) concorda com o fato de que as primeiras ideias sobre valência se devem a Tesnière, que é quem parte do verbo como núcleo oracional.

Assim, valência é a propriedade que tem uma classe de elementos, de poder ligar-se com *classes* específicas de outros elementos, sendo que esta mesma classe se distingue de outras de mesmo nível sintagmático. Isso amplia o sentido da expressão gramática de valências abrangendo também o regime dos nomes, dos adjetivos e de alguns advérbios. A gramática de valências é uma gramática de dependências, que se baseia na relação estabelecida entre categorias de níveis diferentes, entre elementos básicos ou categorias básicas correspondentes aos elementos básicos que (co)ocorrem num contexto.

4. Funcionalismo

O funcionalismo, desenvolvido inicialmente na escola de Praga e na escola de Genebra, ganhou força com Jakobson e Martinet e acabou gerando focos de estudo na Europa: Halliday, na Inglaterra e Dik, na Holanda. Mesmo nos Estados Unidos, a perspectiva funcionalista esteve sempre presente com os trabalhos de Bolinger, Kuno, Del Himes, Labov e outros etno e sociolinguistas.

Modernamente, na linguística dos Estados Unidos, há uma tendência de base cognitivo-funcional se desenvolver paralelamente às pesquisas em gramática gerativa. Essa linguística cognitivo-funcional, caracteriza as investigações desenvolvidas, por representantes da linguística cognitiva, como Lakoff, Langacker, Fauconnier, entre outros, e da linguística funcional, como Givón, Thompson, Chafe, apenas para citar alguns. Na pesquisa desenvolvida há um privilégio ao segundo grupo, ou seja, a chamada linguística funcional.

O funcionalismo linguístico concebe a língua não como um sistema autônomo, uma vez que noções como cognição e comunicação, interação social e cultura, entre outras, são importantes para o entendimento do sistema linguístico (GIVÓN, 1995). As análises linguísticas fundamentadas, nessa teoria, tratam os fenômenos linguísticos, adotando como postulado básico que a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código não totalmente arbitrário.

Nos termos de Du Bois (1985), as gramáticas devem ser vistas como “sistemas adaptáveis, isto é, como sistemas parcialmente autônomos (por isso, sistemas) e parcialmente sensíveis a pressões externas (por isso, adaptáveis)”. O objetivo deste trabalho foi analisar e descrever os verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “secar”, “quebrar” e “queimar” no uso em diversos textos que circulam socialmente. Para dar conta, seguimos também a orientação de Furtado da Cunha (2005, p. 5), que em seu estudo observou que a estrutura argumental – relação entre um predicado e seus argumentos – é uma noção gradiente, ou seja, se os verbos transitivos variam em relação à fixidez *versus* à frouxidão de sua estrutura argumental. A autora concluiu que a “estrutura argumental não é rígida, podendo se manifestar, no discurso, com diferentes configurações”.

5. *A transitividade por Hopper e Thompson (1980)*

Hopper e Thompson (1980) defendem que a transitividade se refere à transferência de uma ação de um agente para um paciente e, por conseguinte, quanto mais efetiva for a transferência mais transitiva será a sentença. Os autores concebem a transitividade como sendo uma propriedade escalar, vista no contínuo, que fica condicionada por fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Os autores apresentam dez parâmetros a partir dos quais a transitividade oscila entre a alta transitividade e a baixa transitividade. No quadro a seguir apresento esses parâmetros e, em seguida os explico.

Parâmetros	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
Participantes	Dois ou mais	Um
Cinese	Ação	Não ação
Aspectos do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
Pontualidade do verbo	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>
Agentividade do sujeito	Agentivo	Não agentivo
Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
Individuação do objeto	Individuado	Não individuado

Quadro 1: Parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980)

Segundo Hopper e Thompson (1980), cada parâmetro pode ser explicado assim:

- (1) uma ação só pode ser transferida se houver, pelo menos, dois participantes: **A** e **O** (*Izaías abraçou Renata versus Renata partiu*);
- (2) ações podem ser transferidas de um participante para outro, enquanto que estados, não (*Maria empurrou Ana versus Lara admira Sara*);
- (3) uma ação vista de seu ponto final é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação vista em desenvolvimento (*Eu comi a maçã versus Eu estou comendo a maçã*);
- (4) ações realizadas sem nenhuma fase de transição óbvia entre o início e o fim tem um efeito marcadamente maior do que ações inerentemente contínuas (*Pedro chutou a bola versus Pedro carregou a bola*);

- (5) quando **A** age intencionalmente, a ação se dá mais efetivamente do que quando não há uma intenção definida (*Vera escreveu seu nome na areia (intencional) versus Vera esqueceu seu nome (não intencional)*);
- (6) a polaridade refere-se à distinção entre afirmação e negação, sendo a afirmação mais efetiva do que a negação (*Ana comeu o lanche versus Ana não comeu o lanche*);
- (7) uma ação que não aconteceu, ou que é descrita como ocorrendo no plano irreal, é menos efetiva do que uma que ocorreu ou que corresponde a um evento no plano real (*João comprou uma moto nova versus João vai comprar uma moto nova*);
- (8) participantes com maior potencial de agentividade podem transferir uma ação mais efetivamente do que participantes com potencial menor de agentividade (*Mara abriu a porta versus O vento abriu a porta*);
- (9) a transferência de uma ação ocorre em maior grau se o paciente for totalmente afetado (*Sandra bebeu o leite todo versus Sandra bebeu um pouco do leite*);
- (10) uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente individuado do que para um não individuado (*Maria ama seu namorado versus Mara ama sanduíche.*) Hopper e Thompson (1980) apresentam este último parâmetro nos traços a seguir:

INDIVIDUADO	NÃO-INDIVIDUADO
Próprio	Comum
Humano, Animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Não contável
Referencial	Não referencial

Quadro 2: Propriedades da individuação por Hopper e Thompson (1980)

Cada um desses parâmetros contribui para a ordenação de orações na escala de transitividade, assim toda a oração é classificada como transitiva, não apenas o verbo. Tomados em conjunto, esses parâmetros permitem que as orações sejam classificadas como mais ou menos transitivas. (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 50)

6. *Análise do corpus*

O *corpus* se constituiu de manchetes e de notícias pesquisadas por meio de ferramentas de busca *online*, em que observamos o funcionamento dos verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “secar”, “quebrar” e “queimar”. A análise foi realizada dentro dos pressupostos teóricos da gramática de valências de Borba (1996) e pelos parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980), dentro da perspectiva funcionalista da linguagem.

Dessa forma, a partir da gramática de valências (Borba 1996) e da visão de transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980), apresentamos a análise das orações em que os verbos, objeto de nossa pesquisa, são analisados:

Exemplo 1: verbo "destruir"

Mandela destruiu o Apartheid, diz historiador

Rio de Janeiro – O Apartheid foi destruído por Nelson Mandela. A avaliação é do historiador, escritor e ex-professor de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Joel Rufino dos Santos, para quem o ex-presidente da África do Sul foi mais que um herói para o país africano. “Mandela foi o maior de todos. Foi ele quem destruiu o Apartheid. Ele é um dos melhores homens de toda a humanidade”.

Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/12/mandela-destruiu-o-apartheid-diz-historiador>>. Acesso em: 11-02-2014

A manchete e o excerto da notícia, extraídos do *site* EBC Notícias, relatam a afirmação feita pelo historiador Joel Rufino sobre a luta contra o Apartheid, por Nelson Mandela. Na perspectiva da gramática de valências, o verbo “destruir” é empregado no sentido de “causar danos em; arruinar, demolir” comporta-se como verbo de ação-processo, seleciona um agente, codificado sintaticamente como sujeito: Mandela, cujos traços são: [+humano, +intencional, +controlador. Quanto à valência quantitativa, esse verbo tem valência dois, uma vez que além do sujeito, seleciona como complemento codificado como objeto: um nome concreto não animado: Apartheid. Apartheid foi um regime de segregação radical adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

Dentro da análise da transitividade, proposta por Hopper e Thompson (1980), a transitividade é vista como uma noção contínua, escalar, não categórica, como já dissemos anteriormente. Dessa forma, esses autores posicionam-se, diferentemente, da proposição da gramática tradicional, visto que não consideram necessária a ocorrência do sujeito, verbo e objeto para que uma oração seja considerada transitiva.

Para Hopper e Thompson (1980), a transitividade é dada como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação. No que tange a esses dez parâmetros, a manchete é analisada como segue: Há dois participantes envolvidos na cena: Mandela e Apartheid. Há cinese aferida por haver ação e um objeto afetado. A ação é perfectiva por poder ser vista do seu ponto final: Mandela destruiu. É pontual, a ação de destruir foi concluída, a polaridade é afirmativa, a modalidade é *realis*, uma vez que a sentença evidencia um fato já ocorrido. O objeto: Apartheid é afetado possui uma individuação alta, visto que os traços: próprio, concreto, singular, contável, referencial, definido marcam esse objeto. A análise da transitividade, a partir das perspectivas teóricas adotadas, mostra de maneira mais eficiente como funciona a língua. Uma vez que ao levar em conta o funcionamento do gênero manchete no jornal, observamos que a transitividade aferida revela-se alta. Isso pode ser atribuído também à natureza do assunto em que se exigem os aspectos positivos dos parâmetros para que a manchete atinja o seu objetivo: atrair a atenção do leitor.

Exemplo 2: verbo "desfazer"

PM do Acre diz que traficantes desfizeram cerco à base da FUNAI

O comando da Polícia Militar do Acre mandou uma guarnição de seis policiais para patrulhar a região na fronteira com o Peru onde se localiza a base da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que, segundo servidores do órgão federal, havia sido cercada por narcotraficantes armados.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/956479-pm-do-acre-diz-que-trafficantes-desfizeram-cerco-a-base-da-funai.shtml>>. Acesso em: 11-02-2014.

A manchete do jornal *online Folha de S. Paulo*, exibida no site UOL Notícias e Entretenimento, relata a ação de impedimento da polícia militar contra narcotraficantes que cercaram a base da FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O verbo “desfazer” no sentido de “desmanchar o que está feito; anular” enquadra-se como verbo de ação-processo, seleciona um sujeito agente, representado por traficantes, cujos traços são: [+ humano; +intencional; + controlador]. Seleciona como complemento um elemento não animado: cerco.

Dentro da perspectiva de análise proposta por Hopper e Thompson (1980), em que para aferir a transitividade levamos em conta toda a oração, podemos observar que, na manchete, há dois participantes: traficantes e cerco. Há ação e um abjeto afetado, logo o parâmetro cinesa está presente. É perfectiva: traficantes desfizeram. É pontual, devido a ação de desfazer ter sido concluída; a polaridade é afirmativa, a modalidade é *realis*, uma vez que a sentença evidencia um fato que ocorreu. O objeto "cerco" significa "bloqueio militar" é afetado tem uma individuação relativamente alta, visto que os traços: concreto, singular, contável, referencial, definido marcam esse objeto.

Exemplo 3: verbo "cortar"

**'Isso não é justiça',
diz delegado sobre família que cortou dedo de menor**

O delegado Osmany Pinheiro Machado Júnior afirma que a prisão de quatro pessoas acusadas de torturar uma garota de 14 anos, ocorrida na quarta-feira (5), em Várzea Paulista (SP), deve servir como exemplo para que as pessoas não façam justiça com as próprias mãos, mas recorram às autoridades quando se sentirem lesadas.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2014/03/nao-se-deve-fazer-justica-assim-diz-delegado-que-prendeu-por-tortura.html>>. Acesso em: 11-02-2014.

A manchete do jornal *online Gazeta*, exibida no *site Globo*, relata a ação da polícia que prendeu quatro pessoas, por torturarem uma jovem de 14 anos na tentativa de fazer justiça com as próprias mãos. O verbo “cortar” significando “dividir, separar com instrumento de gume”, enquadra-se como verbo de ação-processo, seleciona um sujeito agente, representado por família, cujos traços são: animado, intencional, controlador. Seleciona como complemento um substantivo concreto não animado: dedo.

Dentro da perspectiva de análise proposta por Hopper e Thompson (1980), a manchete é analisada como segue: há dois participantes: família e menor. Há ação e um objeto afetado: parte do corpo (dedo), o

parâmetro chinês está presente, uma vez que há uma ação claramente realizada. É perfectiva: família cortou. É pontual, devido a ação de cortar ter sido concluída, a polaridade é afirmativa, a modalidade é *realis*, uma vez que a sentença evidencia um fato que ocorreu. O objeto dedo (parte do corpo) é afetado tem uma individuação relativamente alta, visto que os traços: concreto, singular, contável, referencial, definido marcam esse objeto.

A manchete *online*, do jornal regional do Espírito Santo, *A Gazeta*, exibida do *site* G1, Editorias: Entretenimento e Notícias, relata a ação da polícia que prendeu um homem, no sul do Espírito Santo, que roubou uma televisão da vitrine. O verbo “Quebrar” significando “partir, romper, fragmentar”, enquadra-se como verbo de ação-processo, seleciona um sujeito agente, representado por: homem, cujos traços são: [+humano, +intencional, +controlador]. Seleciona como complemento um substantivo concreto não animado: vitrine.

Dentro da perspectiva de análise proposta por Hopper e Thompson (1980), a manchete apresenta-se com dois participantes: homem e vitrine. Há ação e um objeto afetado, logo o parâmetro chinês está presente. É perfectiva: homem quebrou. É pontual, devido ao fato de a ação de romper ter sido concluída, a polaridade é afirmativa, a modalidade é *realis*, uma vez que a sentença evidencia um fato que ocorreu. O objeto vitrine é afetado, tem uma individuação relativamente alta, visto que os traços: concreto, singular, contável, referencial, definido marcam esse objeto.

Exemplo 5: verbo "queimar"

Egípcios que queimaram a Bíblia serão julgados no Egito

Três egípcios acusados de insultar a religião cristã serão julgados no país, dois por terem queimado Bíblias. De acordo com a agência oficial Mena, Mohammed Abdallah, conhecido como “Abu Islam”, presidente da rede de televisão Al-Omma, seu filho Islam, diretor da mesma rede, e o repórter do jornal independente Al-Tahrir, Hani Yassin Gadallah serão levados à justiça.

Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/egipcios-queimaram-biblia-serao-julgados-egito-43070.html>>. Acesso em: 13-02-2014.

A manchete e parte da notícia extraída do *site* cristão, descreve a futura punição que três egípcios terão por queimarem Bíblias. O verbo

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

“queimar” empregado no sentido de “consumir pelo fogo, reduzir a cinzas” comporta-se como verbo de ação processo, seleciona um sujeito agente, representado por egípcios, cujos traços são: +humano, + intencional, + controlador. Esse verbo seleciona como complemento um nome concreto não animado: Bíblia.

Dentro da análise da transitividade, proposta por Hopper e Thompson (1980). Na manchete, há cinese aferida por haver ação e um abjeto afetado. A ação é perfectiva por poder ser vista do seu ponto final: Egípcios queimaram. É pontual, a ação de queimar foi concluída, a polaridade é afirmativa, a modalidade é *realis*, uma vez que a sentença evidencia um fato já ocorrido. O objeto Bíblia é afetado possui uma individuação relativamente alta, visto que os traços: próprio, concreto, singular, contável, referencial, definido marcam esse objeto. A análise da transitividade, a partir das perspectivas teóricas adotadas mostra de maneira mais eficiente como funciona a língua.

Exemplo 6: verbo "secar"

**Motorista sem noção
diz que dirigia em alta velocidade para “secar carro”**

Um comando policial na Rodovia 40, em Chatham-Kent, em Ontário, Canadá, parou um motorista depois que seus radares verificaram que ele estava dirigindo seu carro a uma velocidade de 143 km/h. Isso nem é uma novidade tão grande, mas o legal mesmo foi a desculpa que o sujeito deu. O motorista, que tem 52 anos de idade e não teve seu nome revelado, disse aos policiais que tinha levado o carro pra lavar, mas o pessoal que lavou, não secou o veículo e, por isso, ele meteu o pé na tábua? pra que ele secasse mais rápido. A polícia riu bastante da desculpa do sujeito, mas imprimiu uma acusação de direção perigosa em sua ficha e suspendeu sua carta por uma semana.

Disponível em: <<http://www.meionorte.com/entretenimento/mundo-bizarro/motorista-diz-que-dirigia-em-alta-velocidade-para-secar-o-carro-207772>>. Acesso em: 12-09-2013.

O verbo "secar" figura na manchete e no excerto da notícia, porém a nossa análise ficará circunscrita na porção do texto, uma vez que o verbo no infinitivo não é contemplado neste estudo.

O verbo “secar” empregado no sentido de “tirar a umidade; tornar seco; enxugar” comporta-se como verbo de ação-processo, seleciona um sujeito agente, representado por "o pessoal", cujos traços são: [+humano,

+intencional, +controlador]. Esse verbo seleciona como complemento um nome concreto não animado: carro.

A aplicação dos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), observamos que a ação não se concretiza, uma vez que " o pessoal que lavou, não secou o veículo".

A ação não é perfectiva porque não pode ser vista do seu ponto final: o carro continuava molhado, segundo relata o motorista. Não é pontual, a ação de "secar" não foi concluída, a polaridade é negativa, a modalidade não é *realis*, uma vez que a sentença aponta para a não realização do fato. O objeto não é afetado, logo não é individuado. Nesse sentido, vale salientar que a transitividade é muito baixa.

7. Conclusão

A gramática tradicional opera com as noções transitivo x intransitivo, o que deixa escapar, de certa forma, o que de fato abarca essas noções, qual critério adotado para explicar o suposto caráter intransitivo dos verbos de movimento, por exemplo. O que fez Said Ali (1964), por um lado, anexas ao rol dos intransitivos verbos como "depende" e "competir", considerados pela maioria dos gramáticos como verbo transitivo indireto; por outro lado, o que fez com que Kury (1996) e Rocha Lima (1998) considerassem elementos de natureza adverbial, como complemento dos verbos "ir" e "vir".

Como já temos discutido o fenômeno da transitividade ainda causa grande dificuldade tanto para quem tem que ensinar este conteúdo quanto para aqueles que precisam entendê-lo. Muitos foram os estudiosos que se debruçaram sobre este fenômeno, com aparatos teóricos diversos, com vistas a elucidá-lo. Mas sabemos que se há dissonância com relação as abordagens consignadas em nossos manuais de gramática, perdura ainda hoje dúvidas quanto à aplicação das novas formas de trabalharmos este conteúdo em sala de aula e também quanto à aplicação das novas perspectivas teóricas como as duas aqui adotadas.

A análise à luz da gramática de valências, em que se trabalha a estrutura frásica, em que o verbo é o núcleo semântico que ocupa a posição central da frase e estabelece com os elementos com quais coocorrem uma relação de independência. Com isso, esse modelo considera que o sujeito, os objetos (direto e indireto) e o adjunto adverbial são complementos dos

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

verbos, são lugares vazios a serem preenchidos na frase, de acordo com a estrutura relacional inscrita no verbo como propriedade do seu significado.

Os verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “quebrar” e “queimar” comportaram-se, nos dados, como verbos de ação-processo, bivalente, com argumento, codificado sintaticamente como sujeito e semanticamente como agente; exceto com a ocorrência do verbo “secar”, uma vez que a ação não se efetivou, não podemos falar que houve um agente, mas há sintaticamente um sujeito que não realizou a ação de “secar o veículo”.

Observadas no contínuo, as cláusulas, onde encontram-se os verbos “destruir”, “desfazer”, “cortar”, “quebrar” e “queimar” mostraram altamente transitivas, no entanto, a com o verbo “secar” o mesmo não ocorreu.

Diante do exposto, esboçamos algumas conclusões que consideramos bem preliminares, fato que está nos impulsionando a dar continuidade a esta pesquisa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs.). *Transitividade traços a traço*. Niterói: UFF, 2014.

AZEREDO, J. de C. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BORBA, F. da Silva. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, vol. 56, n. 2, 1980.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Ribeirão Gráfica, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: UNICAMP, 2008.

KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1996.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1964.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1965.